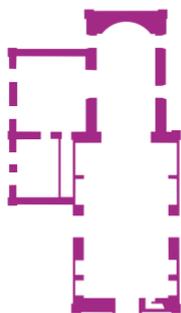


56.

IGREJA DE SANTA MARIA DE VEADE



Rua da Igreja
Veade
Celorico de Basto



41° 24' 52.80" N
7° 58' 41.73" O



918 116 488



Dom. 8h



Santa Maria
15 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

A Igreja paroquial de Veade conserva significativos Atrechos de arquitetura românica que nos remetem de imediato para a existência de um edifício de grande aparato durante esta época, devedor do trabalho de uma oficina de caráter regional, a qual, embora tenha aqui interpretado a seu gosto formas mais eruditas, não deixa, contudo, de constituir um dos melhores trabalhos dos nossos artífices românicos.

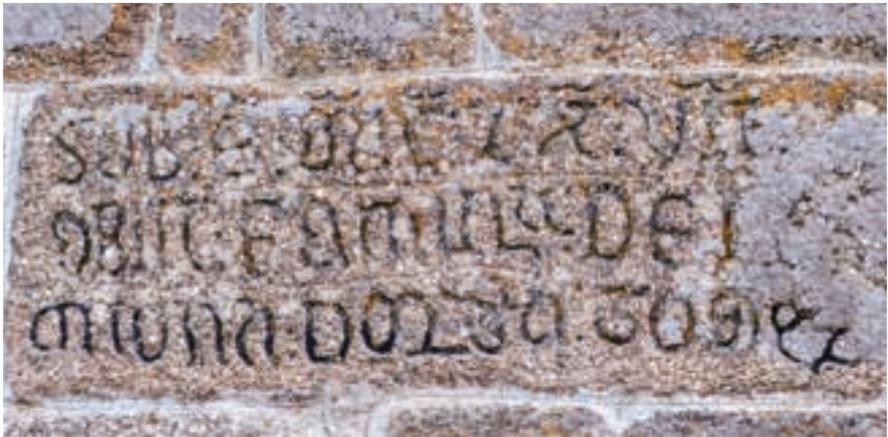
Na origem desta Igreja estará um pequeno eremitério, fundado em propriedade particular que, no século XIII, se vinculou à estirpe dos Guedeões. Antes de 1258, o cónego Gomes Alvites vendeu a Igreja de Veade e todos os seus casais à ordem do Hospital.

Com base nos vestígios existentes, podemos colocar a edificação da Igreja românica na primeira metade do século XIII. Desta época apreciamos os portais laterais, apesar de terem sido mexidos durante a reconstrução da Igreja, em 1732, pelo comendador frei Álvaro Pinto, da Casa de Calvilhe (Lamego), conforme testemunha a inscrição que encima o portal principal, barroco. É importante ter em linha de conta que esta reconstrução obrigou à reorientação da Igreja, tendo-se acrescentado uma

INSCRIÇÃO

Digna de nota é a inscrição que, gravada num silhar de granito, foi embutida na parede lateral norte da nave da Igreja, junto ao portal, do seu lado esquerdo: SUB : Era : M^a : C^o2 : X^o : VII^a / OBIIT : FAMULA : DEI / MIONA : DOLDIA : GOMEZ.

Trata-se da inscrição funerária de D. Dórdia Gomes que, por ser aqui referida como Miona, seria pessoa de alto posicionamento social. Conforme nos explica Mário Barroca, as designações "Miona", "Miana" ou "Meana", derivam da expressão "mea domina" ou "mea domna" e que foram usadas, apenas, num muito restrito grupo de mulheres ricas-donas do século XII ou XIII. Ao alto estatuto social juntava-se a piedade por terem estado muitas vezes envolvidas na fundação de casas monásticas. Tendo, pois, falecido em 1159, é possível que D. Dórdia estivesse de alguma forma relacionada com as origens da instituição monástica que as *Inquirições de 1220* designam como "monasterium de Bialdi", embora a Igreja de Veade fosse já ao tempo uma igreja paroquial.



nova cabeceira, agora colocada a oeste, e de dimensões maiores do que as que seriam possíveis na área da primitiva capela-mor românica. Está, pois, edificada ao contrário do que é regra na arquitetura românica: a atual fachada de Veade voltada a nascente, confronta diretamente com as Casas da Comenda, edificadas em 1641, pelo maltês Diogo de Melo Pereira. Criou-se aqui, ao bom modo barroco, salvaguardada a escala regional, um espaço público monumentalizado.

A fachada principal de sabor barroco, embora contido, contrasta com a linguagem dos alçados laterais da nave onde se

mantiveram significativos trechos murários românicos e onde se rasgam, de ambos os lados, os portais laterais. Segundo a única descrição que temos da Igreja medieval, datada do primeiro quartel do século XVIII, a fábrica românica era de grande qualidade, destacando-se o seu arco triunfal e portal principal, assim como os portais laterais. Aos primeiros poderão pertencer as várias peças avulsas que se guardam nas dependências anexas da própria Igreja e no Núcleo Museológico de Arqueologia (espaço contíguo à Biblioteca Municipal de Celorico de Basto).

Os dois portais que se encontram *in situ* estão profusamente decorados, mostrando temática decorativa consonante com estas pedras avulsas. Além das arquivoltas ornadas em ambas as faces (com escócias separadas por toros e pontuadas por pérolas e motivos vegetalistas e fitomórficos relevados na face interna), idênticas às da arquivolta externa do portal norte, encontram-se trechos de frisos enxaquetados e capitéis onde se identifica o tema comum às bacias do Tâmega e do Douro, de clara influência bracarense, interpretado como alusivo à cena de *Daniel na cova dos leões* (Da 6, 1-28). A atual posição do portal, agora norte, não deixa de ser curiosa, estando hoje quase a meio da fachada e desprovido da sua função primeira, fruto do rebaixamento do pavimento por ocasião da abertura da estrada que lhe fica contígua. Mais bem servado, no portal sul destaca-se o par de sereias de dupla cauda que ornaram as primeiras aduelas de cada uma das suas arquivoltas, algo ultrapassadas.



Os capitéis, onde impera a temática vegetalista, deixam-nos adivinhar a qualidade que teria o portal principal românico. Interiormente, porém, pouco resta da organização medieval. Todo o espaço foi alterado para receber a fundação dos vários altares laterais e colaterais, que conservam a sua posição original. A sua linguagem indica-nos que uns, maneiristas, poderão ser anteriores à reedificação de 1732, enquanto outros, de que é exemplo máximo o aparatoso e cenográfico retábulo-mor, foram já traçados incorporando motivos do barroco dito nacional ou joanino.



Aqui, o trono eucarístico foi sobrepujado pela abóboda semicircular e por uma sa-nefa de onde pendem cortinados que dois anjos seguram. O uso exagerado de *putti* (pequenos anjos, por vezes representados sem asas), aves, motivos florais, colunas torsas e outros elementos acentuam a sua monumentalidade e cenografia. Desta mesma época é, seguramente, o rodapé azulejar que orna os alçados laterais da capela-mor. Usando o azul-cobalto sobre fundo branco, conforme era uso comum

na época, jarrões ornados com flores são enquadrados por cercaduras que se enquadram entre os motivos mais comuns usados no século XVIII.

Além das muitas peças de imaginária, reflexo das devoções dos encomendadores, das épocas e do lugar, destacamos a existência de duas pinturas, uma dedicada ao *Calvário* (no retábulo da Crucifixão) e outra que apresenta, frente a frente, os bispos *São Brás* e *São Frutuoso* (no retábulo de Santo António).



A NÃO PERDER

- 1,5 km: Ecopista do Tâmega (p. 282)
- 3,9 km: Quinta do Prado - Jardim Público (p. 283)
- 4,1 km: Parque Urbano do Freixieiro (p. 282)